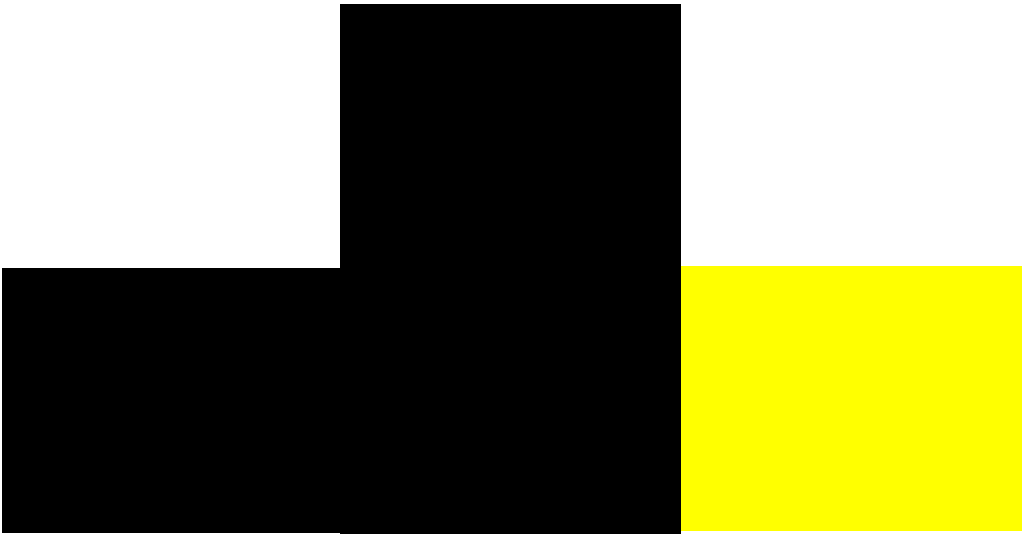




# Multidão em luto: Símbolo e levante

Raluca Soreanu

*Professora de Estudos Psicanalíticos e Vice-Diretora de  
Pesquisa no Departamento de Estudos Psicossociais e  
Psicanalíticos em Essex.*



Em junho de 2013, um canto eletrizou as largas avenidas do Rio de Janeiro, entoado por uma multidão de mais de um milhão de pessoas: "*Vem! Vem! Vem pra rua vem!*". Uma multidão imensa e um grito de união igualmente imenso. Parece que o que era invocado era um fantasma social, uma imagem ou ainda um sonho no qual todos, a cidade inteira, se encontram na rua e nas praças. O que a multidão quer de si mesma e dos outros? Por que esse canto incendiou toda uma cidade e todo um país? O que nos ensina o levante brasileiro de 2013 sobre a multidão e sua atividade simbólica?

Um espectro comum assombra as teorias sociais e psicanalíticas: o da "multidão irracional" ("*mob*"), o coletivo destrutivo ou regredido. A "multidão" é frequentemente percebida como volátil e sujeita a contágios. Os coletivos de que falo (Soreanu 2018) não são regredidos por definição, mas são, pelo contrário, capazes de fazer o luto de traumas políticos, de criar símbolos e organizar cenas complexas para reviver o trauma. O que é revolucionário aqui é a capacidade da multidão de inventar novos significados e novos símbolos.

Eu me interesso pelo luto semi-espontâneo – um luto que não é feito de uma política de Estado nem de uma cerimônia planejada com local e momento determinados. É um luto que se produz quando multidões mais ou menos grandes se formam e simbolizam juntas, quando produzem ritmos e formas de sincronicidade. É uma forma de luto que se dá pela palavra, mas também por vocalizações e movimentos sincronizados. É uma forma de luto que se produz pela criação de símbolos que estão ligados de maneira precisa às marcas traumáticas deixadas pelos anos de tortura, perseguição e silêncio de um regime político opressivo. O levante de junho de 2013 no Brasil nos mostrou que a multidão ferida podia fazer nas ruas e praças um luto que ninguém organizava em uma coreografia exata. A pressão das marcas traumáticas ligadas à violência do Estado foi a principal força organizadora das cenas de protesto.

No livro *Notes toward a Performative Theory of Assembly*, Judith Butler (2015, p. 84) fala dos "raciocínios viscerais" dos coletivos em protesto. Esta notável categoria

política surgiu em diálogo com a primavera árabe e as muitas manifestações que se seguiram. Como escreve Butler: "...formas viscerais de rejeição explodem em formas coletivas consequentes. Nestes casos, os corpos são eles mesmos vetores de poder onde a direcionalidade da força pode ser invertida; eles são interpretações encarnadas engajando-se em uma ação coordenada para contrapor a força com uma força de outro tipo e de outra qualidade" (Butler 2015, p. 84). Eu sustento que, para entender essa enigmática "força de outro tipo e de outra qualidade", precisamos de uma exploração psicanalítica. A abordagem do psicanalista consistirá em se perguntar: que condições psíquicas permitem que uma "interpretação encarnada" se manifeste? Como, enquanto coletivo descido às ruas e às praças, somos transformados após uma interpretação da violência do Estado ter sido formulada? Esclareço aqui que a interpretação deve ser entendida no sentido psicanalítico do termo, como uma intervenção que tem a capacidade de tornar consciente algo que não estava disponível à consciência anteriormente ou de permitir um novo vínculo associativo entre dois elementos que até então não estavam conectados.

Em junho de 2013, no Brasil, os manifestantes – e seus corpos em movimento – demonstraram sabedoria. Eles foram precisos em suas trajetórias, criaram símbolos que perduraram ou puseram fim a uma violência que poderia ser mortal. Eles tiveram a capacidade de criar novas analogias. O luto coletivo não pode ser reduzido a um testemunho organizado, à edificação de monumentos ou à criação de comissões da verdade. Em parte, ele só pode ocorrer através de vocalizações e movimentos sincronizados pelos quais a multidão chega a emitir um "raciocínio visceral", uma proposição visando discernir o que é importante para a vida coletiva. Os espaços urbanos, os pedestais, os palácios, as calçadas, as portas e as pontes fazem parte dessa grande cena de simbolização.

Nos meses que se seguiram a junho de 2013 no Brasil, o que dominou a representação da multidão – em particular como foi descrita pela mídia convencional e pelos círculos intelectuais conservadores – foi o tropo do caos, das justaposições ilegíveis,

da falta de sentido, da ausência de uma verdadeira consciência revolucionária, assim como da ausência de um programa político. Esta imagem se concentrava em sombrias impulsões niilistas, na destruição pura e simples (do sistema de partidos políticos, das instituições do Estado, ou mesmo da civilidade). O mais impressionante é que muitas forças políticas de esquerda no Brasil também ficaram decepcionadas com as manifestações de junho de 2013. Elas se queixavam de que a multidão não era coerente ideologicamente. Os manifestantes não tinham liderança nem organização, não usavam os significantes corretos ou os significantes "puros" da justiça social; além disso, eles "misturavam" outras retóricas "impuras" que eram muito "neoliberais". A composição da multidão em termos de classe social não era a correta. As cores dos cartazes não eram bem escolhidas. A lista de queixas era interminável, alertando-nos quanto a um estado de idealização traumática ou uma melancolia de esquerda, onde o objeto perfeito (talvez a revolução perfeita) seria inacessível.

\*\*\*

O que inflamou o movimento popular de junho de 2013 no Brasil foi o aumento de 20 centavos no preço dos transportes públicos. O *Movimento Passe Livre* conseguiu mobilizar uma multidão considerável, mas as manifestações rapidamente superaram todas as expectativas, e as indignações expressas nas ruas e praças foram muito além do objetivo inicial. Apesar da revogação do aumento do preço dos transportes pelas autoridades, os manifestantes continuaram a se mobilizar. O movimento adotou então o nome de "*20 centavos*", entretanto, pouco tempo depois, uma outra simbolização surgiu: "*Não foi só por vinte centavos*". Os manifestantes reivindicavam muito mais: reformas na saúde pública e na educação, a reforma da polícia militar, mas também investigações sobre a corrupção.

No meio dos protestos, aparece a face de uma moeda: uma moeda de vinte centavos. O que acontece quando uma manifestação associa seu nome a um símbolo monetário? Temos visto recentemente um grande número de mobilizações populares que

apelam a uma forma numérica. Pensemos na mobilização em torno do "1%" no movimento Occupy ou no "15M" na Espanha. Mas os "20 centavos" se aproximam mais da face da moeda. Eu sustento que a curiosa aparição dessa moeda visa reverter as semiotizações capitalistas e re-libidinizar a abstração do dinheiro. O coletivo sopra vida na face mórbida da moeda. Em um gesto político, o peso das semiotizações econômicas e não-econômicas é invertido. Ao indexar o dinheiro, obtém-se um efeito paradoxal: o que está fora da esfera do dinheiro é mais importante: como o corpo cansado do morador da periferia das grandes cidades brasileiras, trabalhador precário que deve ficar em pé durante três horas nos transportes públicos, nos ônibus e metrô superlotados, para fazer o mesmo trajeto no final de seu dia de trabalho. Um corpo detido na provação de atravessar a malha urbana. Não se trata apenas do corpo cansado do presente, mas do esgotamento que pertence a outro tempo, à memória traumática revivida todos os dias, a de estar preso em um contêiner em movimento cheio de outros corpos humanos. Há alguns séculos, o contêiner flutuava no Atlântico, transportando escravos para os portos do Brasil.

O que sustento aqui é que um certo tipo de interpretação no sentido psicanalítico visa produzir uma transformação dessa vontade fantasmática e interromper a predominância da semiotização econômica, o hiper-investimento da face da moeda. Como vimos acima, pouco depois de adotar um nome monetário, "20 centavos", a multidão *interpreta* o símbolo, esclarecendo uma confusão potencial ao postular que "não foi só por 20 centavos". A questão vai além do dinheiro. Não apenas a multidão interpreta, mas ela se interpreta a si mesma. O dinheiro não é mais apenas o morto-vivo, a combinação mais trágica de morte e vida que o capitalismo pôde produzir; a moeda de 20 centavos, lado face, é usada para re-libidinizar partes de nós mesmos e de nossas vidas políticas. O coletivo trabalha o trauma da desvalorização da vida através da fabricação de um símbolo e de uma interpretação.

A sequência "20 centavos"/"não foi só por vinte centavos" atualiza o sofrimento no tempo *presente*. O verbo da frase está no passado: "não foi só por 20 centavos". Um novo sentido de historicidade é insuflado aqui. Mesmo o passado recente merece uma interpretação, uma marca, uma inscrição. O passado recente emerge daqui como podendo ser retido. A multidão declara: "o que foi feito na época, em um passado recente, tinha um sentido, e esse sentido deve ser preciso, é por isso que o especificamos". Trata-se realmente de uma *interpretação*.

A eficácia da interpretação provém de uma espécie de atração pelo concreto que surge no coração da abstração monetária. Se faltar uma única moeda de 20 centavos ao morador da periferia, ele não poderá subir no ônibus. Outra fonte frutífera é a riqueza da produção simbólica que cercou o símbolo "20 centavos" e o fez sair de sua trajetória de marcador monetário. Durante as manifestações, assistimos à reemergência da função *dêitica* (de *dêixis*, auto-indicação) das enunciações. Nesses momentos, a poesia retorna, ela é escrita em grandes letras nos cartazes de protesto. Essas letras são sobredimensionadas, elas transbordam de desejo de analogia, elas explodem de sensualidade de contestação. Elas juram. Elas omitem o verbo. Elas usam dois verbos. A singularidade da enunciação é aqui reafirmada.

\*\*\*

Quase ao mesmo tempo do levante no Rio de Janeiro, na cidade de Fortaleza, manifestantes entoaram um novo canto diante da violência da polícia militar que lançava bombas de gás lacrimogêneo em sua direção. Quando o barulho das bombas foi ouvido, a multidão respondeu: "*Des-ne-ces-sá-ri-o! Des-ne-ces-sá-ri-o!*". Aqui, a multidão não qualifica apenas o ato de agressão, mas o *interpreta*, ao mesmo tempo que deve se proteger de ser ferida ou de morrer. Em ambos os casos, há uma intervenção no campo de uma política do excesso, na repetição sem fim da violência traumática. No meio das bombas de gás lacrimogêneo, há algo intensamente poderoso em ver alguém parar, virar e interpretar a violência.

## Agradecimentos

Este trabalho foi financiado pelo UKRI Frontier Research Grant (ERC grant guarantee) do Conselho de Pesquisa em Engenharia e Ciências Físicas [número da concessão EP/X022064/1], título do projeto: "FREEPSY: Free Clinics and a Psychoanalysis for the People: Progressive Histories, Collective Practices, Implications for our Times".

## Referências

Butler, J. (2015). *Notes toward a Performative Theory of Assembly*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Soreanu, R. (2018). *Working-through Collective Wounds: Trauma, Denial, Recognition in the Brazilian Uprising*. London: Palgrave.